

# **HISTÓRIA EM REVISTA**

**Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

# HISTÓRIA EM REVISTA

Prof. Antonio Cesar Gonçalves Borges  
*Reitor*

Prof. Daniel Souza Soares Rassier  
*Vice-Reitor*

Profª Inguelore Scheunemann de Souza  
*Pró-Reitora de Graduação*

Prof. Alci Enimar Loeck  
*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação*

Profª Angela Maria Sinotti Gonzalez  
*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Bel Flávio Chevarria Nogueira  
*Pró-Reitor Administrativo*

Bel. Antonio Leonel da Silva Cunha  
*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
Rua Lobo da Costa, 447  
Pelotas-RS - CEP 96.010-150

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira  
*Diretor*

Capa: Gilnei da Paz Tavares

Planejamento Editorial: José Herminio Barbachã

Reprodução Gráfica: João José Pinheiro Meireles  
Marciano Serrat Ibeiro  
Oscar Luis Rios Bohms

Acabamento: Carlos Gilberto Costa da Silva  
Claudio Luiz Machado dos Santos  
Luiz Gonzaga Souza Cruz



Class:	REVISTA
Registro:	415
Data:	11.10.94
Doação:	

# HISTÓRIA EM REVISTA

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994

*Núcleo de Documentação Histórica da UFPel*

*Coordenação Administrativa:*

Profª Beatriz Ana Loner

*Coordenadores de Linhas de Pesquisa:*

*Quotidiano de Pelotas (e Região Sul):*

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Temístocles Américo César

*Movimento Sindical:*

Profª Lorena Almeida Gill

*História da UFPel:*

Profª Beatriz Ana Loner

*Memória e Sociedade:*

Profª Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

*Técnicos Administrativos:*

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

*Comissão Editorial*

Profª Beatriz Ana Loner

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Profª Lorena Almeida Gill

Prof. Temístocles Américo César

*Apresentação* ..... 5

Artigos:

*Reconstrução da  
memória da UFPel* ..... 7  
Beatriz Ana Loner

*A evolução urbana de Pelotas:  
um estudo metodológico* ..... 21  
Sidney Gonçalves Vieira  
Óthon Ferreira Pereira  
Jakson Silvano de Toni

*Os periódicos do final do século XIX  
e do início do século XX  
e o cotidiano de Pelotas* ..... 35  
Fábio Vergara Cerqueira  
Temístocles Américo César

*Mulheres em estudo:  
um movimento outro  
um outro movimento* ..... 39  
Lorena Almeida Gill  
Denise Bussoleti

*Museu e  
memória histórica* ..... 48  
Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

*O sujeito essencial:  
teoria histórica e discurso* ..... 52  
Temístocles Américo César

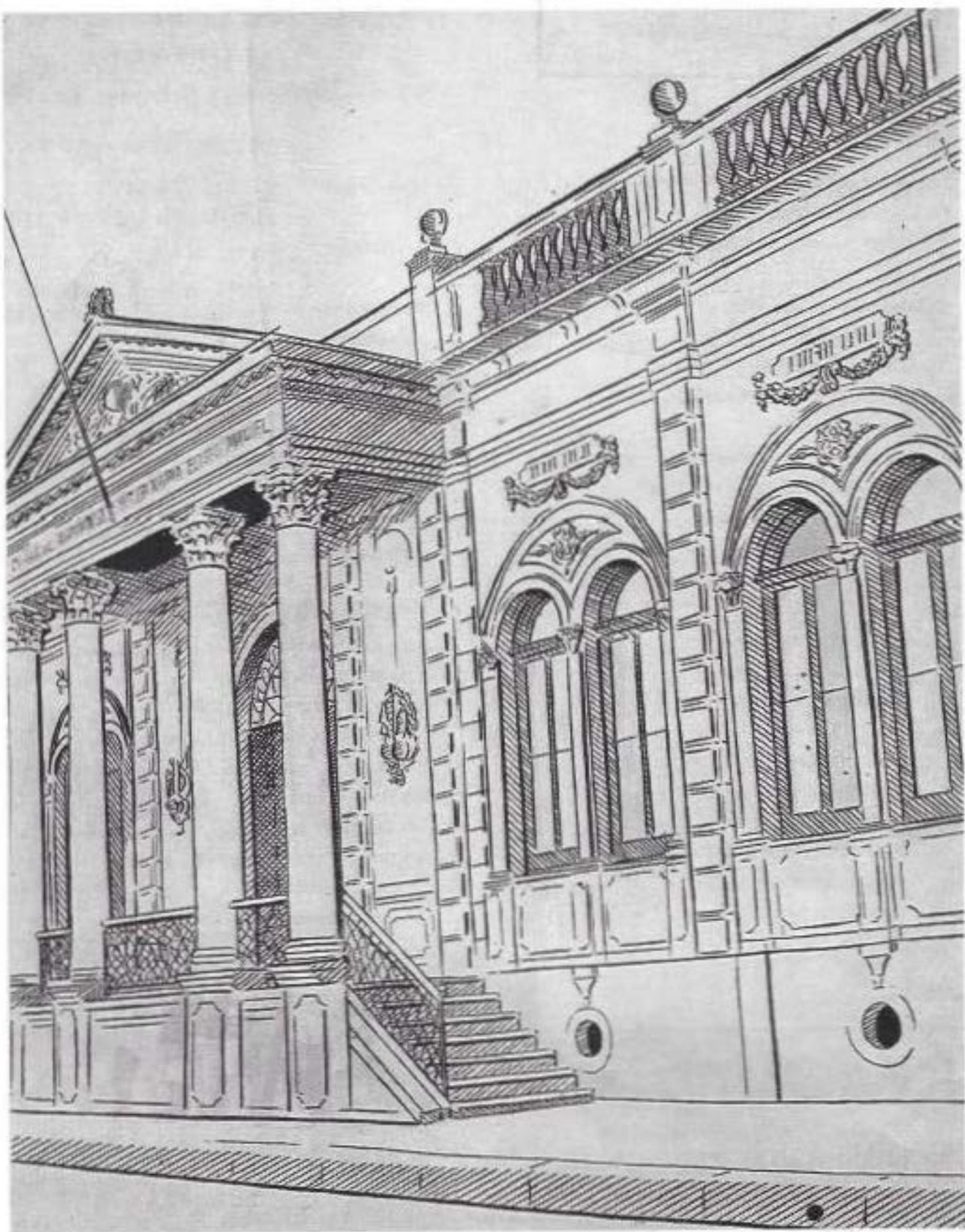
*Da aplicação do conceito  
de imaginário no estudo da história* ..... 57  
Fábio Vergara Cerqueira

## HISTÓRIA EM REVISTA

PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO DE  
DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

PELOTAS, PRAÇA 7 DE JULHO, 180  
CEP 96.020-010 - RS





# O SUJEITO ESSENCIAL: TEORIA HISTÓRICA E DISCURSO

Temístocles Cezar

## NOTA INTRODUTÓRIA

Diz-nos Foucault que "a morte da interpretação é o crer que há símbolos que existem primeiramente, originalmente, realmente, como marcos coerentes, pertinentes e sistemáticos". (1980:21).

O objetivo, pois, deste artigo é fazer uma análise crítica da questão do "essencialismo". A "essência" é aqui entendida como o apriori histórico, como o que faz parte da "coisa" devido a sua natureza, o inerente, a "substância" (no sentido aristotélico do termo).

A reflexão sobre o "essencialismo" é de fundamental importância, uma vez que o rompimento com estas perspectivas teóricas implica em abrir espaços para concepções, outrora, inibidas pelas "essências": a análise do social, em se tratando do cotidiano e seus meandros, a construção discursiva dos sujeitos e classes sociais.

Parte-se aqui, que não existem interpretações peremptórias e que as suas verdades são relacionais e/ou transitórias, jamais essenciais: ou seja, que "a vida da interpretação, é o crer que não há mais do que interpretações" (FOUCAULT, 1980:22).

## A RECUSA DO SUJEITO SINTÉTICO

"- Você tinha consciência?

- Tinha. Perdi-a por modéstia.

É um luxo de Príncipe."

(JEAN-PAUL SARTRE).

"O meu personagem é um escravo dos patrões e da televisão, um anarquista, um classe média buscando ascendência, um revolucionário, um sindicalista, como nós todos costumamos ser": afirmou, em 1972, o cineasta italiano Elio Petri, após seu filme - A Classe Operária vai ao Paraíso - receber a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

A afirmação acima suscita-nos uma série de indagações preliminares que subsidiarão o restante dessas reflexões: pode, um único indivíduo, ser portador de condutas e/ou posicionamentos sociais tão diversos? ou seja, pode um único indivíduo ser sujeito de discursos dispares e/ou contraditórios, isto é, ser interpelado e identificar-se com tantos discursos ao mesmo tempo?

Às indagações correspondem respostas vinculadas e determinadas concepções teóricas:

1. Aquela que responde negativamente as questões colocadas acima tem por pressuposto que os sujeitos interpelativos "tendem" a se identificarem com "um"



discurso. Dele fazendo parte, constituindo-se assim em um "já-sujeito" deste ou daquele discurso, não fariam parte (no sentido de não identificarem-se com outro) de outro; é o caso dos sujeitos de classe da teoria marxista, que não admite a presença de sujeitos sociais que não aqueles inseridos conforme sua posição no processo produtivo. Portanto, a negatividade proposta como resolução das questões implica uma situação na qual os sujeitos sociais de classe – burguesia e proletariado – são as causas, as origens, a essência própria do movimento histórico; é nelas – as classes – que estão as "leis" do entendimento do social; são elas que travam um embate permanente (por serem antagônicas) entre opressores e oprimidos, sendo que "a história da Sociedade se confunde até hoje com a história das lutas de classe" segundo clássica passagem do "Manifesto" de Marx e Engels ("encourageant ainsi l'illusion finaliste" como diz Bourdieu (1980:103). Há, pois, uma "essência" argumentativa: os indivíduos que são interpelados e identificam-se com este ou aquele discurso, o fazem devido a sua posição de classe: em efeito, tornar-se sujeito de um outro discurso é ser portador de uma "consciência" contrária à realidade. Tem-se, assim, que "dentro deste esquema, a aparição de novos sujeitos sociais só pode ser entendida como um momento de falsa consciência." (PINTO, 1989:25); preservando-se assim aquilo que Foucault chama de "consciência soberana".

2. À resposta positiva relaciona-se às noções teóricas que romperam com o essencialismo. Procurar pensar os indivíduos como sujeitos interpelados por vários discursos e sujeitados por eles implica na aceitação de uma complexidade do social não-redutível necessariamente a um reflexo da estrutura econômica: mais, rompe-se com a idéia de um processo evolutivo (não no sentido que Paul Feyerabend dá ao conceito: de evoluções e rupturas) <sup>(1)</sup>, *continuum*, e com um ato fundador, perdendo-se desta forma "o medo de pensar o outro no tempo de nosso próprio pensamento", como reivindicava Foucault (1987:14).

Examinando as duas vertentes de forma mais criteriosa, observar-se-á que à primeira relaciona-se uma "função conservadora", enquanto a segunda iden-

tifica-se a crítica não só a esta função mas as noções que lhe dá cobertura epistemológica como as totalidades, essências e pontos originários. Assim, a negação de um sujeito de múltiplos discursos e a sua fetichização na classe social têm por princípio básico a existência de uma luta política e ideológica (burguesia x proletariado) definida a priori através de sua essência. Claro está, que não estamos negando à luta de classes o seu consequente discurso das relações de trabalho, mas sim que este discurso é "(...) um entre a multiplicidade dos discursos que significam o social" (PINTO, 1989:26).

Por outro lado, esta crítica identificatória deixa espaço para outra questão: de fato, como se chega ao argumento discursivo da concretização da classe social?

Partamos de três considerações:

1. as classes existem e são percebidas como evidentes – "allant de soi" <sup>(2)</sup>;

2. a sua existência – deve-se menos ao fato de uma presença "já-dada" na realidade do que por um "effet de théorie";

3. segundo P. Bourdieu "avec l'effet de théorie(...) les groupes – les classes sociales, par exemple – sont à faire. Ils ne sont pas donnés dans la réalité sociale" (1987: 154 grifo P.B.P. ou seja "a existência e a definição das classes contribuíram muito concretamente para fazer as classes": assim, o "efeito de teoria exercido pela sociologia do passado notadamente por aquelas que contribuíram para fazer a classe operária e, ao mesmo tempo as outras classes, contribuindo para fazer-se acreditar – e a ela própria – que ela existia enquanto proletariado revolucionário" (BOURDIEU, 1988:15-16 – grifo P.B.) <sup>(3)</sup>.

Analisando-se as considerações acima temos que a primeira é efeito da terceira, enquanto a segunda ao mesmo tempo que funciona como mecanismo de ligação entre aqueles, descarta a "classe" como essência da sociedade; articulando-se os três itens tem-se, entretanto, a classe como "(...) un artefat historique bien fondé (au sens ou Durkheim disait de la religion que c'est une illusion bien fondée)" (BOURDIEU, 1987:154).

Logo, bem fundamentado, o discurso classista, interpela de forma mais contundente, daí sua força e poder: daí, também, no entanto, o prelúdio do seu réquiem de

morte. As "classes sociais" não podem mais negar a existência de uma multiplicidade discursiva articuladas independentemente delas: o discurso "dissidente" (seja qual for e em relação a qualquer classe) não pode mais, simplesmente, ser identificado como "falsa consciência"; passou a fazer parte do "enjeux" discursivo, onde a constante é a luta dos diversos discursos pela interpelação de novos sujeitos.

Na exata medida que a classe deixa de ser pensada como categoria essencial da construção do conhecimento – o que não quer dizer que não possa estar nesta posição <sup>(4)</sup> – concomitantemente ao seu discurso correspondente (discurso das relações de trabalho), perde sua centralidade nas redes de poder que compõem a sociedade; é mister, pois, "escapar a esse princípio sistemático de erro que é a tentação da visão soberana" (BOURDIEU, 1989:09).

À visão soberana corresponde a idéia de uma história contínua, que por sua vez é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito <sup>(5)</sup>. Estar-se-ia, assim, diante de um daqueles paradigmas explicativos chamado "grande relato". Por sua vez, este garantirá ao sujeito originário – portador de uma "consciência histórica" – a devolução de tudo aquilo que lhe escapou.

"(...) o sujeito poderá, um dia, se apropriar, novamente de todas essas coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada" (FOUCAULT, 1987:14-15).

Com efeito, independente do sujeito – burguesia e proletariado – garante-se – já que há uma ação fundadora, um início – um "grand finale" – o telos –, prometido e realizado pelo sujeito consciente: o sintetizador do processo histórico.

Com efeito, os grandes relatos implicam em um paradoxo sistêmico: garantir a continuidade sem rupturas e descaminhos; e assegurar uma consciência ao sujeito tranqüila, invulnerável que lhe garanta o "sono dogmático"; entretanto, ao entrarem em crise, esses relatos, segundo Lyotard, revelam-se em função de seus próprios critérios como "tábulas". <sup>(6)</sup>

Ao fazer-se a crítica às totalizações culturais, à busca de uma origem, e ao continuismo histórico, pretende-se,

desta forma, abrir-se espaço para a compreensão da lógica do sujeito de múltiplos discursos. Inserido em um devir contínuo e teleológico, torna-se impossível "(...) definir as posições e as funções que o sujeito podia ocupar na diversidade dos discursos". (FOUCAULT, 1987:227).

A recusa deste sujeito sintético não decreta a morte do sujeito, e sim sua maleabilidade perante a luta interpelatória. Neste sentido, o sujeito sempre já-sujeito de outros discursos pode, dentro de uma lógica de pluridiscursividade do social – onde, durante o processo interpelatório vale mais a sua "posicionalidade" do que um "consciência verdadeira da realidade social" –, constituir-se em múltiplas "personagens"; evidentemente que também de uma "classe" cujo histórico objetivo é alcançar o paraíso.

## APÊNDICE CONCLUSIVO

Every thing possible to believ'd  
is an image of truth"

WILLIAM BLAKE, "Proverbs of Hell"

Romper com as categorias essencialistas supõe uma concepção teórica onde o espaço para as predeterminações é nulo: não existe um indivíduo, uma classe, que comportem uma essência que lhes determine a priori seus papéis nas lutas do social.

A idéia essencialista reivindica para si o reino da "visão soberana", da "consciência tranqüila": da verdade do homem. O homem que conhece a totalidade, não por havê-la compreendido, mas por crer nela; o homem que procura a origem, para explicar a si e ao devir contínuo. O homem que acredita, enfim, que pode libertar-se das coações do social – econômicas, políticas, ideológicas – e correr em busca da "liberdade" perdida: momento de tomada de consciência.

Neste sentido, Foucault afirma que:

"fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda a prática são as duas faces de um mesmo sistema de



pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência" (1987:15).

Em efeito, tem-se um processo de cristalização de teorias; antagônicas ou não; há, entre elas, um "pacto" que mantém a teleologia da verdade fundamental que originou a teoria em questão: seja vitória do proletariado, seja a instauração dos "estados racionais". Exemplo típico na teoria marxista ocorre quando Lukács afirma que "(...) há mesmo na falsa consciência do proletariado, mesmo nos seus erros de fato uma 'intenção que se orienta para a verdade'" (1974:87). Ou seja, mesmo em estado de consciência que não o adequado, esta classe tem, na sua essência, "algo" que a encaminha para atos realizados em nome da verdade.

Ora, é por isso que, seguindo Bourdieu, "nous répudions le sujet universel, (...) Sans doute les agents ont-ils une appréhension active du monde. Sans doute construisent-ils leur vision du monde. Mais cette construction est opérée sous contraintes structurales" (1987:155).

Assim, o personagem do cineasta italiano caracterizado na abertura dessas reflexões pode ser sujeito de vários discursos – que o interpelam constante e cotidianamente – sendo sempre já-sujeito de outros discursos: ele age e é agido dentro do campo social do qual faz parte<sup>(7)</sup>. Aqui pode constituir-se uma verdade: que seria o resultado de lutas sociais (BOURDIEU, 1988:25).

Lutas, "contraintes structurales", repúdio ao sujeito, recusa da essencialidade: enfim, o homem – sujeito consciente – morreu? "Não há liberdade no mundo de Foucault; no qual nenhum sopro de vida pode penetrar" diz-nos Berman (1986:33-34); (O "habitus", proposto por Bourdieu, encerra nas suas "estruturas estruturantes" uma teia de relações (de poder) que explica o presente e asfixia o futuro?).

Ora, deixemos de lado, como diz Veyne (falando sobre Foucault), estes temores inúteis: Foucault "simplesmente lembrou que o homem não é inteiramente ativo, mas que também é condicionado" (1983:29).

Esperar-se-ia que uma lógica absolutamente racional restituísse ao homem a redenção perdida; ou que

"terão um mundo a conquistar" (Manifesto Comunista), através da atuação consciente; a crença no possível no homem – o "telos" da humanidade: aqui, tomar a imagem como verdade, e a verdade como imagem, não passam de caprichos da história.

#### NOTAS

- (1) (Ver FEYERABEND, 1989)
- (2) (Ver BOURDIEU, 1987:155)
- (3) Neste sentido, também afirma Bourdieu: "le paradoxe du marxisme est qu'il n'a pas englobé dans sa théorie des classes l'effet de théorie qu'a produit la théorie marxiste des classes, et qui a contribué à faire qu'il existe aujourd'hui des classes" (ACCARDO, 1986:44).
- (4) "Poder-se-ia salvar a centralidade da classe dando centralidade ao discurso das relações de trabalho. Isso parece ter sido um fenômeno observável empiricamente na Inglaterra de Marx, mas muito diluído nas sociedades capitalistas do fim do século XX (PINTO, 1989:26).
- (5) (Ver FOUCAULT, 1987: introdução).
- (6) (Ver LYOTARD, 1986).
- (7) Neste sentido, é interessante a proposta de Bourdieu que "préfère parler d'agent social, qui est agi (de l'intérieur) autant qu'il agit (vers l'extérieur)" (ACCARDO, 1986:55).

#### BIBLIOGRAFIA

- ACCARDO, A.; CORCUFF, F. *La Sociologie de Bourdieu*. Bourdieu, Editions Le Manuscrit, 1990.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, P. *La Sens Pratique*. Paris, Les Editions de Minuit, 1980.
- BOURDIEU, P. *L'Esprit de Saint*. São Paulo, Editora Ática, 1988.
- BOURDIEU, P. *Choses Dites*. Paris, Les Editions de Minuit, 1987.
- FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- FOUCAULT, M. *Niemche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum*. Porto, Asa-grama, 1980.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1980.
- LYOTARD, J. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- PINTO, C.R.J. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney*. São Paulo, HUCITEC, 1985.
- VEYNE, P. "Foucault revoluciona la historia", in: *Como se escribe la historia*. Madrid, Alianza Universidad, 1984.



FACULDADE DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL

